

# Cada Mergulho “Outro” Flash: Turistas E Residentes Com *Habitus* De Lazer E Culturais Em Áreas Distintas, Natal - RN

Michel Jairo Vieira da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da compreensão de que “Todas as sociedades produzem estranhos (...) que são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético (...) por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente (...) elas poluem a alegria com a angústia” (Bauman, 1998, p.27), é que essa pesquisa se desenvolve, discursando sobre a segregação socioespacial a partir das relações de lazer residente e turismo em Natal. De caráter fenomenológico-qualitativo, abordando a perspectiva de turistas e residentes, o artigo faz uma reflexão acerca das condições de lazer no destino (pobreza-riqueza, elite-popular). Ao reconhecer a dessemelhança entre a cidade de Natal e “Cidade do Sol”, a partir de vídeo produzido por residentes (documentário local “Redinha Arredia – 2007) e turistas (registros de viagem postados na Internet – 2007 a 2013), faz-se aqui uma análise de conteúdo comparativa entre as realidades desses sujeitos, destacando um *apartheid* – que separa o lazer turístico (estruturado e distanciado), dos frequentadores das praias populares (excluídas) com seus *habitus* (Bourdieu) – elementos culturais invisíveis ao olhar turístico. Evidencia-se assim a coexistência de duas realidades dispares, reflexo de um modelo gestão pública nos destinos brasileiros, que concentra suas ações em práticas que auxiliam no processo de afastamento entre residentes e turistas.

**Palavras-chave:** Turismo. Lazer. Representação Fílmica. Segregação Socioespacial. Natal-RN.

## 1. Natal-RN: Mi casa NO es su casa

Apresentar o melhor quarto para nosso convidado é uma das regras mais simples para se comportar como um bom anfitrião, sendo também um comportamento comum na gestão pública e privada do turismo. Organizar o destino, enaltecendo o que existe de mais bonito, muitas vezes mais elitizado, facilitando o acesso às mais belas praias, aos mais confortáveis serviços de alimentação e hospedagem, é ceder ao fenômeno turístico o melhor que o destino “Cidade do Sol” (Natal-RN) pode proporcionar. Todavia, esse “bom quarto” ultrapassa a condição de retorno, de compartilhamento desses espaços – principalmente os públicos - com os residentes. Requer em muitos casos a “entrega da chave” também desse quarto ao fenômeno.

É possível identificar o afastamento entre espaços de lazer turístico e espaços de lazer dos residentes muito comumente nas práticas de lazer litorâneas, por exemplo. Para respaldar essa problemática tal pesquisa analisou um reduto de lazer popular bastante frequentado por

---

<sup>1</sup> Mestre em Turismo pelo Programa de Pós- Graduação em Turismo – UFRN. Professor efetivo assistente do curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: micheljvs@hotmail.com

moradores e completamente dissociado da prática turística – a Praia da Redinha – que está a 16 km da principal região turística da cidade de Natal (bairro de Ponta Negra e entorno). Essa que inicialmente já se mostra em uma realidade distinta, levantando a discussão sobre segregação socioespacial, planejamento do urbano, do lazer, do turismo, enfrentamento dos conflitos sociais - silenciosos muitas vezes - no seio da cidade (Clementino, 2002).

Sendo assim, torna-se aqui relevante estudar o turismo e sua disposição transformadora, que aponta inúmeras benesses nos destinos em que se instala. Todavia, diversos são os casos em que ele acentua as diferenças, estabelece relações de afastamento, estranhamento, desvalorização da cultura local, e de desapropriação de espaços antes de residentes, em prol do turismo. Mas seria ele o vilão dessa condição de segregação? O que promove esse “cada um no seu quadrado” não é o fenômeno turístico, e sim o modelo de planejamento público (independente da atividade, muitas vezes). Esse que tem a função de atuar priorizando a igualdade de acesso a bens e serviços - isso inclui espaços públicos e valorização de práticas culturais e de lazer locais.

## **2. Redinha – Invadida/ Ponta Negra - Sitiada**

Os elementos que estão envolvidos nessa ‘abstração’ da cidade, os discursos, símbolos, (...) são elementos através dos quais o indivíduo empresta sentido à experiência de viver o urbano e, por isso mesmo, devem de ser considerados. (Costa, 2005)

Os textos, os diálogos, comportamento e paisagens – fragmentos/ recortes da experiência do urbano - cada vez mais mistos e complexos, representam a “abstração”, o entendimento do sujeito sobre o vivido. Entendimento esse que se encontra nas entrelinhas do discurso, símbolo, imagem, conteúdo, no caso – midiático, sobre Natal-RN. Com o propósito de reconhecer o que está além da tela dos vídeos de registro e documentais, na perspectiva do residente e do visitante, este artigo pretende compreender a segregação socioespacial, revelando um traço importante da separação entre turistas e residentes no destino Natal, resultado de uma das facetas do turismo, que em diversas situações interfere e modifica

percepções dos outros e dos lugares cotidianos, nos valores e nos (...) padrões culturais que vão desde a gastronomia até aqueles que ajudam a fixar estereótipos, delimitar papéis, determinar *status* e, com isso, estabelecer níveis de relação com nossos iguais e não tão iguais. (Santana, 2009, p. 66)

Aqui a motivação de estudar o que separa a experiência turística, do cotidiano local, principalmente da classe popular, é a de evidenciar a existência de uma “pseudo” Natal elitizada, padronizada internacionalmente, sem contrastes, sem o “povão” descapitalizado e com comportamento (*habitus*<sup>2</sup> - Bourdieu, 2004) distinto do visitante. Turista esse normalmente psicocêntrico, voltado para a segurança e hierarquia social e certa reprodução de sua vida cotidiana do seu entorno habitual.

Assim, estudar as práticas de lazer aqui representadas principalmente pelas vividas nas areias das praias “coincidentemente” mais extremas da cidade de Natal (Praia de Ponta Negra e Praia da Redinha) é antes mesmo de esmiuçar as evidências, deparar-se com duas áreas frequentadas por públicos diferentes: o turista nacional e estrangeiro que fica às sombras das caras e espaçosas espreguiçadeiras de Ponta Negra e o residente que se esconde sob o agitado, apertado e democrático guarda-sol da Redinha.

Exemplificar símbolos dessa segregação presentes no cenário litorâneo da cidade sinaliza para uma série de indícios que serão descritos através da comparação de vídeos de registro recentes de viagens feitas ao destino Natal, e de documentário local de 2007, ambos que – semelhantemente ao que pensa Bourdieu – mostram as maneiras de se comportar, consumir e dispor na sociedade, a que lado/parte da cidade/sociedade pertence e deve permanecer (para não se destacar como estranho em outros grupos/espacos).

Todas as sociedades produzem estranhos (...) eles obscurecem e tornam tênues as linhas de FRONTEIRA que devem ser claramente vistas. (Bauman, 1998, p. 27). A edificação e a ratificação dessa fronteira em Natal resultam em pouco contato do turista com o residente; redutos públicos quase que “exclusivos” para práticas de lazer (caros e de difícil acesso) em áreas turísticas, acentuando o pouco envolvimento com a cultura local.

Os filmes turísticos aqui serão comparados com o documentário “Redinha Arredia” (2007), obra do cineasta Carlos Tourinho, que conta com a participação dos alunos da Oficina de Cinema e Vídeo do ITEC (Instituto Técnico de Estudos Cinematográficos), e apoio da Fundação José Augusto.

---

<sup>2</sup> O *habitus* - conceito teórico - apresenta-se como sistema de disposições. É um fundamento objetivo de condutas regulares, logo da regularidade das condutas. Sendo possível prever as práticas, fazendo com que as pessoas de determinado grupo comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias. (Bourdieu, 2004).

Exibido no mesmo ano no *IV Festival de Vídeo Potiguar* (evento que compõe e antecede o *Festival de Cinema de Natal*), o filme – oferece visibilidade aos moradores e banhistas da Praia da Redinha, apresentando segundo França (2002, p. 61) “referências e representações imaginadas deste cinema, como forma de abrir à experiência daquilo que se pensa sobre a realidade” dos sujeitos desta praia, que foram elencados a partir de uma pesquisa dos discentes do curso de cinema.

A partir da forma de consumir o espaço (tanto nos posts como no documentário) – é que esse artigo normatiza a diferença dentro da própria cidade de Natal, é que se aponta quem vive ou visita a Redinha como pertencente à classe social menos favorecida. É que se distingue o turista como distanciado do “povão” em suas horas de lazer, práticas alimentares, entre outros aspectos percebidos no outro extremo costeiro da cidade (os turistas que se hospedam no entorno da praia turística de Ponta Negra). Neste momento o conceito de *habitus* se instaura, revelando o cotidiano de uma camada dos residente, seu modo de vida pesqueiro, religiosidade, o lazer dominical, e festividades (Laraia, 2008) comuns à população da praia certamente mais popular da cidade de Natal.

Tal abordagem – formas de se postar sobre o espaço - remete ao entendimento trifásico de Bourdieu (2001, p. 257) de que o *habitus* - as disposições do indivíduo - está diretamente ligado ao seu passado enquanto pertencente a um grupo social, a reprodução de elementos desse passado no presente, e sua influência precisa no “porvir”, e da ordem hierárquica que envolve a dinâmica social de pureza (segregação – cada um em seu lugar).

O passado, presente e futuro dos transeuntes dessa praia se manifestam inicialmente em uma única tomada – ou pelo menos ao que ela representa. O poeta potiguar *Plínio Sanderson* – nativo da praia da Redinha, nos primeiros minutos caminha sobre o trapiche com imagem panorâmica da costa memorando a rotina dos habitantes e banhistas da praia da Redinha em versos que dialogam com imagens fotográficas da história e da cultura do povo desta praia cada vez mais urbana, com os louros e percalços do progresso advindo e anunciado.

#### **REDINHA ARREDIA- Plínio Sanderson**

Entre gamboas, a tessitura de caranguejos, Cavalos marinhos grávidos...

Entre gamboas, antes e depois do maruim, o cemitério dos ingleses, fantasmas da memória...

Sou outrora piqueniques, serestas, ao labor dos alísios. Desmalhadas e algazarras, de veraneios, alpendres, cachaça...

Praia sombreada de cajuais. Ondas encrespadas em águas ardentes. Toca do rei, pé do gavião, na festa do caju...

A cerca do clube de pedra incrustada traquinamente. Mercado, meiotá, ginga com tapioca...

Quermesse, chegada, nau catarineta. Roda gigante, procissão na festa da padroeira dos navegantes...  
João bolão, bufão inveterado. Os cão chupando manga no mangue.

De maneira objetiva, o poema vai dar voz a elementos importantes da sociabilidade e cultura popular, evidenciada nas “atividades banais e renovadas (...) multiforme” (Certeau, 1980, citado em Cuche, 1999, p. 150), e do imaginário no cotidiano da praia da Redinha. E para dar de fato início a esta pesquisa comparativa entre esse vídeo com os turísticos, serão utilizado os “Atributos de Imagens Aplicadas aos Diferentes Atores do Destino” (Santana, 2009, p. 141), sendo os itens selecionados e apresentados no quadro a seguir relevantes para a compreensão sobre atividades de lazer e experiências culturais.

**Quadro 01 – Atributos analisados comparativa entre Região Turística e Praia da Redinha**

VARIÁVEIS COGNITIVAS
<b>Qualidade de Experiência:</b>
Restauração e oferta alimentar Hospitalidade
<b>Atrativos/ Atividades:</b>
Atividades de lazer/ Atividades marítimas Atividades culturais e Aspectos Históricos

Dentre as *Variáveis Cognitivas*, que atendem à categoria *Qualidade de Experiência*, pode-se destacar os itens:

### 2.1. *Tem menu e “tira-gosto”<sup>3</sup>: restauração e oferta alimentar*

Comparar o *lay out* dos espaços, o cardápio e a qualidade dos serviços de A&B oferecidos na Praia da Redinha e na Praia de Ponta Negra e os demais espaços litorâneos frequentados por visitantes, é entender que em tudo há distinção entre turistas e populares locais.

Em áreas turísticas observa-se uma grande variedade de restaurantes (diversidade também de cardápios de estilo regional e internacional, além de profissionais muitas vezes com boa qualificação), amplas áreas de estacionamento privativo e público, excelente infraestrutura de alimentação (Figuras 01) e lazer (*play ground*, piscina), além de paisagem privilegiada, salões

---

<sup>3</sup> Termo popular para referir-se a aperitivos consumidos enquanto se consome bebida alcóolica.

climatizados, e áreas espaçosas para fácil e tranquila circulação, com acesso inclusive para portadores de necessidades especiais, entre outros aspectos que agregam valor.

O cenário de consumo cheio de referências de requinte e sofisticação, quando comparado com a grande maioria das áreas de lazer popular de Natal (não apenas litorâneas), apresenta a concretude das diferenças e separação, seja no gosto, na disposição financeira, e acesso a espaços de alimentação/socialização. Quanto a isso concorda Valença e Bonates (2008, p. 442) ao dizer que “refletem o alto poder aquisitivo – no caso, os estrangeiros, os investidores de todo o país, particularmente os de São Paulo, e as elites locais. Isso faz com que o bairro de Ponta Negra – tenha se tornado ilha, inacessível até mesmo para as classes médias”.

A discrepância na praia da Redinha é facilmente perceptível, onde é encontrado um aglomerado de pessoas concentradas (carros, vans, ônibus, motocicletas e pedestres) em uma estreita faixa de areia com poucas opções de estacionamento público e privado, sem áreas de escoamento de trânsito, e com sérios problemas infraestruturais, como é o caso do principal centro de oferta alimentar da praia: Mercado da Redinha.

O antigo mercado, que está junto ao mercado de peixe fresco, apresenta irregulares condições sanitárias (manipulação de alimentos – população local com deficiência de qualificação para atender e produzir alimentos, paredes e teto deteriorados, problemas sanitários visíveis, além de um espaço bastante reduzido – Figura 02) para atender a demanda de banhistas, principalmente nos finais de semana. Apesar da concentração dos frequentadores dentro e no entorno do Mercado, atualmente pode-se contar com algumas mais barracas e quiosques que vieram com a urbanização pública de parte da praia, permitindo serviço de A&B mais adequado.

**Figura 01 - Restaurante de cozinha internacional**



Fonte: Vídeo *Natal-RN*, 2009.

**Figura 02 – Interior do Mercado da Redinha**



Fonte: Documentário *Redinha Arredia*, 2007.

Apesar de apresentar condição deficitária na qualidade dos serviços e infraestrutura (condição que também pode vir a representar um atrativo para locais e possivelmente uma classe específica de turista – interessados na simplicidade, no rústico e buscando contato com o autóctone), é neste mesmo mercado que se pode apreciar um prato típico local, e que normalmente só é oferecido na praia da Redinha: Ginga com Tapioca (Figura 03).

Tal elemento gastronômico - autêntico da cultura natalense, e representante da expressão pesqueira do homem com o rio Potengi e o mar – de certo deveria estar nos *menus* dos restaurantes turísticos da cidade, ou pelo menos, na programação gastronômica das agências de receptivos e afins que contemplariam a visita ao local. Entretanto, esses atores acabam por priorizar restaurantes com cardápios mais elaborados, e muitas vezes com forte influência da cozinha internacional. Assim, o prato da Redinha se limita à apreciação apenas dos moradores e banhistas que lá frequentam, e que ao chegarem ao mercado revivem a experiência cultural do homem simples, do consumo da “piscinão” (*Carlos Tourinho em entrevista, 19/02/2011*), do popular, da música alta, da mistura, da cerveja, da emblemática ginga com tapioca.

A partir do depoimento de Sra. Ivone, filha dos criadores desse prato simples, parte do documentário Redinha Arredia referencia mais uma vez o traço cultural e histórico do local, e que em nenhum dos vídeos turísticos sobre Natal se contempla. O depoimento da moradora, hoje já falecida, apresenta não apenas o aspecto humilde da comunidade que vive na praia, mas a peculiar história por ela contada – a origem do prato.

*- Quando os homens iam pro mar só pegavam peixe grande. Quando foi um dia, eles deram um lance... quando veio tinha muita ginga, muita ginga mesmo. Aí eles disseram: - Ninguém vai botar esses peixes no mato, a gente vai vender. Aí papai disse: - Eu vou tirar que eu vou inventar uma novidade com esse peixinho. Porque a ginga é pequena, você conhece, né? Aí, papai tirou um cinco quilos, mandou tratar, tirar a cabeça. (...) Daí disse: - Dalila (sua esposa), vamos fritar... vamos enfiar num ponteiro de coqueiro, aí a gente bota dez... doze ginguinha e frita, aí faz a tapioca e coloca dentro. Ai chama de sanduíche marinho, papai inventou. (Dona Ivone, depoente do documentário)*

**Figura 03 – Preparação do Prato Ginga com Tapioca**



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

Enquanto tradição “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas” (Hobsbawn, 1997, p. 09), o prato – não apenas aparece na voz da senhora Ivone, mas também em outros trechos do vídeo, no momento em que é preparado, e na hora em que é apreciado por moradores e visitantes do Mercado Público da Redinha, que assim como os demais bares da região, têm como “tira-gosto” principal a Ginga com Tapioca. Esse que também pode ser entendido como elemento da vivência local e que não dialoga com a superestrutura turística que não divulga a especiaria do “outro lado do muro”, onde a imagem construída para a venda é marcada por uma política que, ao invés de ser “conjunta e com participação (colaborativa) de todos (...) na configuração de tal imagem, na seleção de atributos, na conjunção de produtos em suas referências físicas e emocionais sobre a identidade do destino” (Santana, 2009, p. 101), ressalta um conjunto de iniciativas que tendem a supervalorizar atributos pontuais, reeditando tradições, importando descontextualizados elementos, pressupondo que sua demanda não considere relevante o contato com espaços como a Redinha e pratos como Ginga com Tapioca.

## 2.2. *Wellcome to the jungle: hospitalidade*

O objetivo é manter os enclaves extraterritoriais isolados do território contínuo da cidade; construir pequenas fortalezas no interior das quais os integrantes da elite global extraterritorial podem cuidar da própria independência física e do próprio isolamento espiritual, e tratar de cultivá-los e desfrutá-los. (Bauman, 2009, p. 43)

Quando analisado este aspecto -a capacidade de receber bem, de atender e até mesmo superar as expectativas de quem visita as duas regiões - se percebe evidências de que os dois grupos se sentem bem recebidos nos espaços que “escolheram” para a prática de seu lazer. Além



de algumas expressões e depoimentos nos vídeos turísticos, o próprio Estudo de Demanda Turística da EMBRATUR (FIPE, 2012) coloca a hospitalidade do brasileiro como um dos aspectos melhor avaliados por turistas. Assim como no espaço turístico, diversos são os relatos de banhistas da praia da Redinha que se mostram extremamente satisfeitos com a sua experiência de lazer:

- *Meu ponto turístico é esse. Redinha velha. (Senhora banhista)*
- *É 10! 10! (Vendedor de bronzeador).*

Ainda trazendo para o conceito de *habitus*, esses sujeitos (turistas e residentes) se sentem parte do universo onde se inserem para a prática do ócio. Todavia, na mesma medida, também vale salientar que a hospitalidade no local de onde “se pertence” parece não ser a mesma quando esses sujeitos se deslocam para a praia onde se diverte o “outro”. Ao verificar que em nenhum dos vídeos turísticos selecionados foi detectada a visita à praia da Redinha, conclui-se que o turista normalmente não chega a conhecê-la (a praia mais popular de Natal), sendo certamente desmotivado pela falta de apelo de agências e operadoras que se dedicam a explorar o litoral norte a partir da praia de Jenipabu – Extremoz (apenas o registro *Saindo de Natal\_RN* cita a praia, mas não a apresenta imagetivamente). O motivo já foi dito – crer que o *habitus* do turista (tradicionalmente) que visita Natal não tenha conexão – resultando na *mixofobia*<sup>4</sup>: medo de se misturar - com a praia popular e os seus (que também representa o pobre, a desestrutura, a “zorra” – Figura 04).

**Figura 04 – Muitas crianças e adultos se divertem beira mar da praia da Redinha**



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Steven Flusty (1994, citado em BAUMAN, 2009) para descrever o impulso em enclausurar-se em experiências, ilhas de identidade, de semelhança, quando se depara com a possibilidade de lhe dar com o novo – o diferente, sendo o novo na contemporaneidade envolto numa instabilidade turbulenta da violência, da exacerbação de estereótipos (turistas, por exemplo, que só fazem contato com outros turistas durante a as viagem).

Quando se trata do residente, o problema não está no desconhecimento na maioria das vezes, mas sim no sentimento de realmente crer não pertencer a Ponta Negra. A praia não atende aos interesses deles (vice-versa), visto que em tudo é/está diferente (ofertas, comportamentos, vestimentas, preços) do que se consome na praia do extremo norte. Os frequentadores da praia da Redinha seriam, ao chegar às areias de Ponta Negra

uns estraga-prazeres meramente por estarem por perto, pois não lubrificam nada à prosperidade da economia transformada em indústria de turismo. São inúteis, no único sentido de “utilidade” em que se pode pensar numa sociedade de consumo ou de turistas. E por serem inúteis são também indesejáveis. (Bauman, 1999, p. 104)

Os residentes acabam por se manter distantes do território turístico, porque esse é um espaço onde concentra os interesses “estratégias para o capital” sustentado pelo consumo do turista e da elite local. Essas ações de espetacularização e de êxtase turístico (evidenciada em todos os vídeos de registro), segundo Coriolano e Silva (2005), encontram nos residentes menos abastados atos de *resistência* (valorização da cultura própria e preservação dos hábitos de quem frequenta espaços populares), como também de *adaptação* (esse mesmo grupo que ao compreender a sua indisposição de consumo em áreas nobres, migra e/ou permanece nessas áreas). A partir do comentário de frequentadores, o que se percebe é que uma parcela da população natalense (classe menos abastada) se sente indesejada em Ponta Negra, praia que é publicizada em cartões postais e propagandas em todo o mundo, e que no passar dos anos vem sendo cada vez menos inserida no cotidiano dos moradores da cidade.

- *O povo diz que Ponta Negra é. Mas para mim é a Redinha. Porque Redinha é popular... (movimento de girar a mão ao entender que aceita todo mundo, e esfregando os dedos no sentido de econômico). (Roberto - eletricista)*  
 - *Eu acredito que hoje, queira o não, ainda seja o cartão postal de Natal. (Salette, operadora de caixa)*

E ainda a partir das *Variáveis Cognitivas*, na categoria *Atrações/ Atividades*, destacam-se:

### 2.3. *Lanchas para uns, terra firme para outros: atividades de lazer - atividades marítimas*

Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna. (Bauman, 1998, p. 118)

Unir atividades de lazer e atividades marítimas em uma única análise é entender que muitas das práticas de lazer vividas pelo turista se dão através de passeios que envolvem atividades também marítimas, como a visita a parrachos (arrecifes que formam piscinas naturais em alto-mar), passeios de *Jet Ski*, lancha, ou jangada. E é basicamente esse tipo de atividade a mais comumente encontrada nos vídeos selecionados. A grande maioria das experiências turísticas aqui discutidas mostra que as atividades de lazer, quando não são realizadas no proveito das áreas (piscinas, quadras poliesportivas, *kidsclub*, etc.) e atividades recreativas (hidroginástica, caminhada, jogos) no próprio hotel, ocorrem a partir de passeios pelo litoral do estado, deixando a cidade de Natal e indo em direção aos parrachos de Maracajaú, ou os de Pirangi.

Nesse percurso – que normalmente é feito através de buggys ou ônibus de agências de receptivo - outros pontos e atividades de lazer podem ser realizadas: passeios de buggy pelas dunas de Jenipabu (Extremoz), e parte do litoral, ski bunda e aerobunda, caiaque e pedalinho em várias lagoas (Jacumã, Pitanguí, Arituba, entre outras) e rios (Punaú e Catu), além de visitas a parques aquáticos como o Manoa Parque (Maracajaú – Maxaranguape – Figura 05), e passeios em dromedários sob as dunas de Jenipabu. Apesar de todas essas atividades, a mais comumente percebida nos vídeos é ainda a mais contemplativa: o banho de sol e mar.

**Figura 05 – Turista em parque aquático de Maracajaú (Maxaranguape)**



Fonte: Vídeo *Férias em Natal RN*, 2013.

A principal atividade de lazer desenvolvida pelo turista convencional está associada sempre ao sol & praia, como se percebe visto as diversas atividades acima citadas. Entretanto, é ainda o simples sentar a beira mar, bronzear-se, banhar-se e consumir aperitivos, a prática mais comum. E essa é a de certa forma, a única que é desenvolvida dentro da capital, nas areias da praia de Ponta

Negra. Areias essas que disputam turistas com as atividades do extenso litoral norte e sul (esse último onde se localiza um dos principais destinos do estado, a praia de Pipa – recorrente em vários vídeos).

“Um “litoral acolhedor” moldou, conjuntamente com tal modelo de investimentos, a simbologia da *cidade do sol*: praias, sol intenso (...) tornaram-se um atrativo para visitantes nacionais e, principalmente, internacionais.” (Ferreira, & Silva, 2008, p. 459). Tal situação corrobora para entender que normalmente quando não está no hotel, ou em Ponta Negra (areia da praia, restaurantes, lojas de *suvenires*), o turista deixa Natal e segue para práticas de lazer no litoral, relegando-se o contato com qualquer atividade de lazer em outra área da cidade (exceto pela incipiente presença de visitantes na praia do Meio, Praia do Forte, além de visita ao centro da cidade através de um *city tour* duvidoso, que será analisado nas próximas análises).

Quando comparada a prática de lazer de “sol & mar” turística com a local (da classe popular), mais uma vez o que se encontra é uma grande distinção: se de um lado se apresenta uma série de opções de lugares e atividades recreativas que se desenvolvem entre iguais - turistas, de outro se observa uma população ilhada em uma pequena área. A praia da Redinha é reconhecida como popular porque aceita a classe pobre, que ao chegar, se diverte através das reuniões em grandes grupos, consumo de aperitivos comprados ou trazidos (marmitas), banhos de mar (crianças, idosos, casais), e música (axé, forró, brega, eletrônico).

*- O popular é muito popular. (...) São coisas que não se pode perder, aquele senhor sentado na areia todo esparramado, a água batendo pra lá e pra cá. Aquilo ali é a vida dele, é o piscinão do Rio. (Figura 06) Tem um casal na areia da praia, todo romântico, rodeado de criança correndo, uma agonia, mas eles não estão nem aí, é a hora deles serem românticos. (Carlos Tourinho em entrevista, 19/02/2011)*

**Figura 06 – Idoso tomando banho de sol e mar**



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

Ao reconhecer que as práticas de lazer também refletem a segregação entre visitantes e visitados, entende-se que a parte com melhor infraestrutura, opções de lazer entre outros aspectos, está apenas na área turística, sendo reflexo dos investimentos privados, mas também públicos. Esse último deveria priorizar a população periférica, historicamente carente em tudo, inclusive nas opções e qualidade do seu lazer. Como se sabe:

As ofertas de lazer por parte dos órgãos públicos devem ser justas, isto é, trabalhar na perspectiva da educação para e pelo lazer, CONTEMPLAR A TODOS, dando prioridade às classes mais carentes. Para isso, devem ser ricas, equilibradas e diversificadas: em conteúdos culturais (social, turístico, artístico, físico-esportivo, intelectual e manual), nos gêneros e nos níveis. Portanto, as ações governamentais devem ir na direção oposta à lógica do lucro (turismo, por exemplo) e à comercialização do divertimento e da alegria: a direção da humanização da solidariedade, (...) da participação de todos, entre outros valores. (Cândido, 2008, p. 505)

#### 2.4. *Chiclete eu “não” misturo com banana: atividades culturais e aspectos históricos*

Sentimento de Patrimônio é o ato de valorizar, resgatar e interpretar (...) sua cultura e sua história, estimulando a comunidade a transformar a si, o ambiente e seu futuro. Este sentimento é mediado pela sensibilidade de identificar áreas esquecidas das grandes e pequenas cidades (...) Pela percepção das subjetividades daqueles que habitam os não-lugares cujo crescimento desordenado contribui para a exclusão social. (Farias, 2002, citado em Coriolano & Silva, 2005, p. 28)

Durante o documentário, surge ainda um dos ícones da cultura popular de Natal - os foliões do *Bloco dos Cão* (Figura 07), um dos mais tradicionais e irreverentes do Carnaval Potiguar. Criado

a mais de 50 anos pelo pescador José Gabriel (Zé Lambreta), o grupo carnavalesco que apenas desfila na praia, é conhecido pela aparência pitoresca de suas centenas de foliões, que surgem totalmente banhados de lama negra (daí seu nome – demônios) do mangue que fica próximo à praia.

*- Começou a muitos anos com três pescadores, que lisos (sem dinheiro), não tinham como brincar... daí inventaram isso aí dos cão, né?! Quem deu o nome foi a própria população. O pessoal ia passando sujo de lama aí diziam: os cão!!! Correndo todo mundo. (Eugênio – comerciante)*

**Figura 07 – Foliões do Bloco dos Cão durante o Carnaval**



Fonte: Documentário Redinha Arredia, 2007.

Ao observar essa festividade carnavalesca, torna-se inevitável não perceber elementos que remetem a ícones do carnaval ainda do período medieval, tão bem traduzido pelas obras literárias de François Rabelais, que até hoje são fontes de elucidação de aspectos culturais, morais e sociais desse período. No vídeo aparece descrito não apenas *os cão*, outros blocos emblemáticos, como o BaiaCú na Vara, que juntos ressaltam a imagem do diabo e irreverência do período medieval - não indicando apenas o mau - mas também a libertação – mesmo que momentânea – da opressão social do Estado e na época - da Igreja Católica.

Nas diabruras dos mistérios da idade média, nas visões cômicas de além-túmulo, nas lendas paródicas, o diabo é um alegre porta-voz ambivalente das opiniões não-oficiais, da santidade ao avesso (...) as vezes o diabo e o inferno são descritos como meros “espantalhos alegres” (Bakhtin, 1993, p. 36).

E essa representação sociocultural do diabo medieval encontrado no documentário elabora seu humor a partir do fim da distinção de classes (apesar de os participantes normalmente

pertencerem à mesma classe) – todos estão na lama (conotação de pobreza); o poder sobre o comando do diabo (povo, liberdade, não-coerção) e da paródia aos rituais legais e civis, onde se clama pela ordem e deferência. Seriedade essa quebrada também por outros ritos semelhantes à tradição do período das *trevas*: eleição de Bufões, Bobos, Reis Momos, Rainhas de Carnaval (paródia do poder do Estado – e brincadeira com hábitos desregrados da Elite), tomada de poder pela classe popular, e valorização da sexualidade nas “curvas” da musa do carnaval.

Pode-se destacar também o lado religioso dos que vivem na Redinha, imagens do documentário se concentram também na procissão de N. Senhora dos Navegantes (padroeira dos pescadores), que reúne no mês de Janeiro devotos em frente à igreja, construída nos anos de 1950 com pedras retiradas da Praia de Jenipabu (Extremoz – RN). Além disso, foca-se na Capela dos Pescadores (erguida em 1922) que abre apenas durante a procissão.

*- A capela, a igrejinha dos pescadores fundou o sentimento de fé na vila. E não poderia deixar de ser, pela tradição portuguesa e nordestina (...) foi dedicada a Nossa Senhora dos Navegantes. (Vicente Serejo, jornalista e escritor)*

A festa não se concentra em torno apenas do sagrado (pagamento de promessas, pedidos de cura), mas também nos interesses de legitimação “cultural e socioeconômica” (Bastos, 2007, p. 8). Essa manifestação religiosa atrai o homem simples da região, e de outros bairros periféricos para o exercício da fé, como também para reencontrar amigos, trabalhar de vendedor de alimentos e bebidas, produtos religiosos ou “flanelinha”.

Diante do sagrado e do profano observado na cultura popular da praia da Redinha, se percebe aqui o isolamento de toda atividade cultural ante o setor turístico de Natal. Visto o reduzido fluxo de turistas que sabem e/ou freqüentam tais eventos e conhecem tais expressões (não houve qualquer menção ao carnaval ou quermesse em vídeos turísticos).

*- Eu vejo a Redinha como um mini caldeirão cultural, tem intelectual e popular. Ela tem um carnaval próprio inclusive, com quatro a cinco blocos. (...)Vai encontrar gente bonita, mas a mistura. A Redinha acabou virando um piscinão, veio a ser popular demais, e acabou sendo segregada. Eu acho que as agências, já falei isso, você tem que pegar o ônibus e fazer um passeio na Redinha, ir lá e conhecer o mercado. Tem gente que gosta, e não vai ser roubado. (...) Se você parar e dizer: - Uma hora de praia aqui. O turista vai ter um contato direto com o popular e vai ver que não é aquilo. Se você pegar por exemplo um turista europeu, se levar ele vai gostar. (...) Com relação a cultura, a história, aos hábitos, o governo não se preocupa, não a memória. (Carlos Tourinho em entrevista, 19/02/2011)*

Em síntese, o depoimento de Tourinho explicita o estereótipo, a rotulação de populacho da praia, sua segregação até mesmo entre locais, mas principalmente a turística. O visitante não tem sua presença nessas festividades ou práticas de lazer de sol & mar na Redinha. Tal produto não é ofertado pelas agências de receptivo, meios de hospedagem, como também pelo próprio *marketing* governamental. Esse último não insere esses traços da cultura-história local na formulação de seu produto turístico, que preza pelo reducionista diálogo com o popular, priorizando em muitos casos uma cultura elitista ou “emprestada”, privando o visitante a uma experiência turística apenas de sol & mar, com “flashes” de cultura e história.

Quando ainda se tem contato com expressões culturais/ históricas, o turista se vê envolvido em uma colcha de retalhos mal costurada. O visitante encontra apelo para visitação à pseudo-desertos do Sahara e seus dromedários (praia de Jenipabu – Extremoz); convites para comer pratos cada vez mais internacionalizados (sushi de tapioca), dançar capoeira na praia (traço da cultura baiana), comprar artesanatos arbitrariamente industrializados - semelhantes a tudo que é vendido nas outras capitais turísticas do nordeste brasileiro.

Os turistas até chegam a conhecer o principal prédio histórico da fundação da cidade de Natal (Fortaleza dos Reis Magos). Alguns turistas até filmam a cidade de Natal e a praia da Redinha, mas de muito longe, o que pode denotar o distanciamento da sua experiência turística. O visitante margeia a cidade pela costa, mas não adentra, a vê de fora. E essa condição torna-se ainda mais crítica quando o que o turista tem acesso é fragmentado e bastante breve, quando não é fidedigno à cultura do destino.

A brevidade pode estar no entendimento do mercado, como coloca Prats (1997, citado em Santana, 2009, p. 123) ao descrever a promoção da história e cultura pelo planejador turístico como “ativações patrimoniais”, que em alguns casos, está menos interessado no conteúdo, na necessidade de aproximação, de valorização do patrimônio, e sim em sua transformação em produto, através de uma seleção de elementos e formas de contato que agradem o consumidor. A principal motivação turística para o destino Natal, certamente é o mar, e por isso os olhos tanto do turista como das instituições públicas e privadas se voltam pra ele. Mas na verdade é a falta de incentivo das instituições em criar e oferecer um produto patrimonial atraente (hoje superficial e desarticulada) que desmotiva o turista, que já vem à cidade em busca do que em sua própria



cidade de origem se disseminou no agenciamento da viagem: - É praia que tem lá, é praia que você vai ter.

A partir dessa perspectiva, o patrimônio histórico da cidade de Natal quando contado na ótica turística, através dos vídeos feitos pelos visitantes, surpreende pela ausência. Para além da Fortaleza dos Reis Magos, em nada se registra (a não ser o vídeo *Natal – RN, 2013*) o conhecimento de outros prédios ou expressões. Os turistas não registraram contato real com o corredor histórico-cultural (representado pelos bairros da Cidade Alta, Ribeira e Alecrim). Isso pode implicar que os mesmos não visitaram, como pode sinalizar para a falta de mecanismos públicos e privados para apresentar um *city tour* que cause no visitante uma referência de Natal não apenas associada ao litoral. Litoral esse que muitas vezes não está nos limites da própria cidade.

O vídeo *Natal – RN*, o único que apresenta o *city tour* pelo centro de Natal, poderia representar o contato com a população em seu cotidiano citadino. Todavia, o registro de passeio pela cidade mostra que os turistas conheceram o centro durante todo o tempo na perspectiva das janelas do ônibus de turismo. As imagens mostram-se desfocadas pelo vidro de proteção, registram apenas parte da fachada de alguns prédios como: Igreja Matriz, Memorial Câmara Cascudo, Palácio Felipe Camarão (Figura 08), Capitania das Artes. Isso faz crer que possivelmente nem desceram do veículo, e o momento que poderia ser de “encontro”, tornou-se apenas de contemplação da paisagem pela janela.

**Figura 08 – Palácio Felipe Camarão fotografado da janela de um ônibus de turismo**



Fonte: Vídeo *Natal – RN, 2013*.

### 3. Rua Interditada: nós “não” vamos invadir sua praia

Entender as práticas de lazer que transcorrem nesses dois universos sociais distintos é perceber que apesar de seus sujeitos estarem em busca de melhor aproveitarem seu ócio, nas demais questões estão distantes e exercitam isso de maneira díspar. Em tudo se notou isso, que também pode ser destacado até mesmo na escolha das trilhas sonoras que embalam vídeos turísticos e o próprio documentário. Os vídeos turísticos normalmente apresentam canções internacionais que expressam globalização, diversão e modernidade (*Beautiful Day* – banda U2, *Livin La Vitta* – banda Coldplay), à medida que o documentário elege uma canção local que descreve bem o *habitus* dos populares da praia da Redinha. E é esse movimento ora regional, ora global, característico da condição pós-moderna, de pressões (turismo) e resistências (autóctones) que sintetiza a comparação aqui realizada. Abaixo, a canção executada no documentário, revela essa resistência local, ao descrever um cotidiano simples que em nada se parece com a sofisticação turística.

#### *Praia Feitiço (João Alexandre Garcia)*

Mulher, bota os bruguelos, leva pro carro. Se for preciso, diga que amarro, que essa praia tem feitiço.  
 Marido, esta Redinha é praia minha. Nela me sinto pequenininha. Pra que tanto rebuliço?  
 Mulher deixa os meninos aí brincando. Frita um peixinho, vai cozinhando, enquanto eu tomo uma de cana.  
 Marido, olha os navios que estão passando, e os goteiros que tão chegando. Quero uma peixada bem bacana.  
 Deus não me tire de morar nessa Redinha. Pé no chão e bem calçado. Se fosse bem rico engarrafava esse ar.  
 Depois desse feitiço, ficava rico pra danar.

No emaranhado de pessoas: crianças correndo, famílias e amigos embalados pela música alta, mulheres expostas ao sol, revela-se a realidade do homem a margem dos benefícios infraestruturais e de sociabilização que o turismo trouxe pra Natal. Diferentemente, os vídeos apresentam turistas (quase que sempre) acompanhados de outros alegres turistas que conheceram no próprio destino ou viajaram juntos, sendo o contato com residentes apenas na condição de trabalhadores do turismo. E esses turistas conheceram Natal? A quem tenha dúvidas. Certamente falta um alerta maior para que o poder público e privado natalense chegue ao patamar comum a outros destinos que inseriram no contexto das suas ações que fazem da população – antes atores passivos – personagens substanciais da imagem do destino turístico.

#### REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (1993) *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hicitec.
- Bastos, M. (2007) Religiosidade, turismo e cultura na região do Seridó – RN. In *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Recife, 1-19, Jun. 2007.
- Bauman, Z. (2009) *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (1999) *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bourdieu, P. (2001) *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2004) *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Cândido, D. (2008) *O lazer em um bairro periférico da cidade de Natal: cidade da esperança*. In Valença, M.; Bonates, M. (Orgs.) *Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco*. (493-507) Natal: EDUFRN.
- Clementino, M. (2002) *Políticas públicas e promoção econômica das cidades*. In Valença, M. & Gomes, R. (Orgs.) *Globalização & desigualdade*. (122-135) Natal: A. S. Editores.
- Coriolano, L.; Silva, S. (2005) *Turismo e geografia: abordagens críticas*. Fortaleza: EdUECE.
- Costa, M. (2005) *As Paisagens urbanas e o imaginário fílmico*. In Costa, M. & Valença, M. (Orgs.) *Espaço, cultura e representação* (81-96). Natal: EDUFRN, 2005.
- Cuche, D. (1999) *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2.<sup>a</sup>. São Paulo: Edusc.
- Ferreira, A.; SILVA, A. (2008) *Para além do muro alto: “turismo imobiliário” e novas configurações socioespaciais na região metropolitana de Natal*. In Valença, M.; Bonates, M. (Orgs.) *Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco*. (457-468) Natal: EDUFRN.
- França, A. (2002) Paisagens fronteiriças no cinema contemporâneo. *Alceu* - v.2 - n.4, p. 61 a 75.
- Fundação Instituto de Pesquisas Estatísticas. (2012) *Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil*. São Paulo, Fipe.
- Hobsbawn, E. (2007) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Laraia, R. (2008) *Cultura: um conceito antropológico*. 2.<sup>a</sup>. Rio de Janeiro: Zahar.
- Tourinho, C. (2007) *Redinha arredia*. Natal: ITEC. 1 DVD (10min): som; col.; s/ legenda; português.
- Santana, A. (2009) *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph.
- Valença, M.; Bonates, M. (2008) *Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco – uma apresentação*. In Valença, M.; Bonates, M. (Orgs.) *Globalização e marginalidade: o Rio Grande do Norte em foco*. (441-444) Natal: EDUFRN.